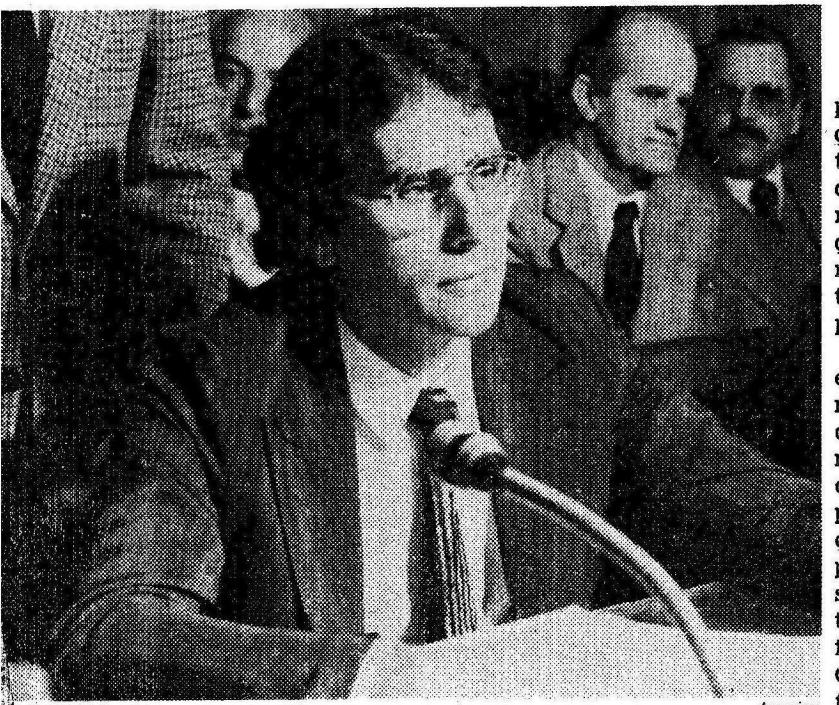


Para economista, Tancredo apóia negociação



Arquivo

Senna: novo governo aproveitaria prestígio de Pastore

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O economista José Júlio Senna, professor da escola de pós-graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, revelou ontem, no Rio, que a decisão dos banqueiros internacionais de prosseguir nas negociações sobre a dívida externa brasileira, deve ter sido tomada com "algum tipo de garantia ou apoio oferecido pelo governo que assume em março".

Segundo sua interpretação, o eventual apoio concedido pelo governo Tancredo Neves às atuais negociações com os bancos credores visaria a deixar o novo governo desocupado com o problema externo, possibilitando concentrar as atenções quase que exclusivamente nos problemas domésticos. Nessa hipótese, lembrou Senna, o novo governo teria tirado proveito do prestígio desfrutado pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, junto à comunidade financeira internacional.

Para o economista da FGV e também diretor-executivo do Banco Boavista de Investimentos, "deixaria de fazer sentido qualquer proposta relacionada à capitalização dos juros, defendida por muitas pessoas". Em consequência, o governo Tancredo Neves se instalaria com grande parte já acertada em termos de dívida externa. Tal situação, contudo, poderia ter a desvantagem de o Brasil abandonar a possibilidade de obter melhores condições para renegociar sua dívida externa, quando a economia do País contar com maior dose de confiança da comunidade financeira internacional.

Segundo assinalou Júlio Senna, no final do ano passado era comum colher, dos banqueiros internacionais, a impressão de que eles estavam a sugerir que as parcelas de amortização da dívida, relativa aos primeiros quatro ou seis meses de 1985, fossem automaticamente roladas, nos mesmos moldes do acordo referente à fase 2 da renegociação, ou seja com nove anos de prazo, cinco de carência e spread (taxa de risco) de 2 1/8% ao ano. "Com isto, haveria tempo para o novo governo se instalar e reiniciar as conversas sobre a desejada renegociação plurianual", disse. Aquela intenção, na opinião do

economista da FGV, revelava claramente o desejo de os bancos credores fazerem acordo com a nova, e não com a antiga administração.

Outro fator apontado pelo economista Júlio Senna, para reforçar sua convicção do apoio do governo Tancredo Neves à continuidade das atuais negociações em Nova York, relaciona-se à sistemática desses entendimentos. Após o acordo preliminar entre representantes do governo brasileiro e da comunidade financeira internacional, faz-se necessário obter a concordância final do restante dos bancos, espalhados por vários países, e em número superior a 700, "o que toma tempo e possui seus desgastes naturais". Assim, essa sequência de negociações dificilmente seria realizada sem "algum tipo de garantia" do governo Tancredo Neves, e "imaginar o contrário seria uma ingenuidade", assinalou Senna, cujos comentários estão incluídos na Carta Econômica do Banco Boavista, de janeiro, que será distribuída esta semana.

NEGOCIAÇÕES

Com a eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República as negociações da dívida externa brasileira passaram a gozar de maior facilidade. Com sua posse elas serão mais facilitadas ainda, segundo entende o deputado José Camargo (PFL-SP). Ontem, o parlamentar afirmou que agora há condições de se ampliar o aspecto político da dívida, uma vez que os credores externos passaram a ter maior confiança no Brasil.

Na sua opinião, daqui para o futuro, uma das preocupações do governo Tancredo Neves deve ser o de definir claramente os recursos que as matrizes das multinacionais enviam a suas subsidiárias no Brasil. Até agora, a maior parte desses recursos tem vindo em forma de financiamento, quando na realidade são investimentos feitos. Assim, o governo brasileiro se livraria da responsabilidade da dívida e a deixaria para as próprias empresas.

Outra sugestão sua é no sentido de convencer os credores a transformarem parte de seus créditos em capital de empresas situadas no Brasil.